TL5083

TIMOR-LESTE

A LUTA E A ESPERANÇA

Ao povo de Timor-Leste,
mártir da esperança
da liberdade.

Tema central

Existe um POVO TIMORENSE que apresenta características próprias, resultantes da sua composição e história. As diversas influências externas a que esteve sujeito ao longo da sua História acrescentaram novas marcas sem nunca, no entanto, suplantar ou abafar o fundo que lhe é próprio.

A moderna influência indonésia imposta ao povo timorense, provocou uma profunda reacção de rejeição, tornando ainda menos provável uma união ou assimilação, que nunca se fez no passado em circunstâncias bem diferentes.

Apesar de contradizer as elementares normas internacionais (direitos dos povos, fronteiras da colonização, recusa das conquistas pela força das armas), pareceu à comunidade internacional que, por "realismo", devia aceitar a anexação de uma metade de ilha ao arquipélago onde se situa.

15 anos de guerra e genocídio pelo ocupante, e de resistência do povo timorense - que ninguém pensava possível nestas circunstâncias - devem levar a Comunidade Internacional a reconhecer, com verdadeiro realismo, que a diferença da identidade do povo timorense não pode ser alienada por nenhum preço.

I

Conta a lenda maubere que Timor nasceu de um crocodilo que atravessou os mares, levando no dorso um rapaz. Por sobre as ondas venceram a lonjura dos mares, em busca de um disco de ouro, belo como o sol, que julgavam encontrar nas terras do Oriente. **(..... imagens)**

O crocodilo velho e cansado imobilizou-se e o seu corpo transformado em pedra cresceu, cresceu até ficar do tamanho de uma ilha. Então o rapaz caminhou sobre esse dorso petrificado e chamou-lhe Timor, o que significa em língua malaia: oriente. Rodeou a ilha com o ohar e reparou que já não era um rapaz mas sim um homem: no seu peito estava suspenso o disco de ouro com que o crocodilo sonhara.

Na encruzilhada dos oceanos Indico e Pacífico, a ilha de Timor encontra-se entre muitas outras, habitadas por diversos povos: uns vindos do continente asiático, os malaios, outros da Oceania, os melanésios. Diferentes são não apenas os tipos físicos mas também as culturas. Nesta zona de transição o crocodilo imobilizou-se para sempre e aqui os timorenses desenvolveram uma cultura e identidade próprias.

A ilha de Timor, bem antes da chegada dos primeiros colonizadores, estava dividida em duas federações de pequenos reinos: o reino de Servião, na parte ocidental, o reino de Behale a oriente. A cada uma destas federações correspondiam diferenças étnicas, culturais e linguísticas.

Os portugueses foram os primeiros europeus a abordar estas terras. Missionários católicos chegaram a Timor em 1520 e estabeleceram os primeiros contactos com as populações locais.
130 anos depois, em 1650, os holandeses ocupavam a parte ocidental da ilha. Aproveitando as rivalidades entre os dois reinos, os holandeses estabeleceram-se a ocidente, enquanto os portugueses continuaram na parte oriental. A colonização portuguesa explorou e acentuou

as diferenças e divisões já anteriormente existentes.

Com profundas tradições guerreiras, o povo timorense resistiu ao longo da sua história contra os estrangeiros que tentaram dominá-lo. Em 1942, apesar da neutralidade de Portugal, Timor-Leste é ocupado pelos japoneses. Terminada a Guerra, Timor Ocidental integra-se na Indonésia que conquista a independência, e Timor-Leste mantém-se colónia portuguesa. O novo regime indonésio, fundador do Movimento dos Não-Alinhados, não reivindica soberania sobre o território de Timor-Leste, afirmando mesmo que nunca viria a fazê-lo.

II

Em 25 de Abril de 1974 cai a ditadura portuguesa que dominou o país durante quase 50 anos. Os militares, obrigados a combater para manter o poder colonial, revoltam-se e um dos primeiros passos do novo regime será o processo de descolonização.

Em Timor-Leste formam-se partidos políticos, até então proibidos. Entre eles há diferenças ideológicas, mas uma preocupação em comum: como vai reagir a Indonésia?

(testemunho Paulo Pires)

Nesta altura, Portugal debate-se com as suas próprias lutas e problemas internos, na aprendizagem difícil da democracia. Desenvolvem-se, entretanto, esforços na preparação para a independência de Timor. Promovem-se reuniões com os partidos timorenses e iniciam-se consultas populares em Timor, que incluem eleições parciais para os órgãos do poder local. Cresce, porém, um sentimento de impotência perante as pressões da Indonésia. Em Março de 1975, realiza-se um encontro em Londres entre autoridades portuguesas e indonésias. Neste encontro, Portugal sugere à Indonésia que forneça apoio económico a Timor-Leste. Esta atitude, de acordo com os representantes portugueses, para além de melhorar a imagem da Indonésia junto do povo timorense,

facilitaria a escolha da população a seu favor. Portugal não deixa, entretanto, de afirmar que não apoiará uma integração no território indonésio não aceite pelos timorenses.

A Indonésia, que declarava em Junho de 1974, pela voz do seu Ministro dos Negócios Estrangeiros Adam Malik, "dar garantias de aceitar a independência de Timor-Leste", em Dezembro do mesmo ano já só reconhecia "duas soluções possíveis: a união com a Indonésia ou a continuação da administração portuguesa".
Torna-se cada vez mais claro que a Indonésia só admite a primeira hipótese, ao mesmo tempo que vai alimentando as divisões entre as organizações timorenses.

Para concretizar o seu objectivo, a Indonésia inicia o cerco bombardeando, em Outubro de 1975, as cidades de Maliana e Balibó. Uns dias mais tarde, cinco jornalistas australianos são mortos em Maliana quando tentavam registar imagens do envolvimento indonésio neste ataque. Em 14 de Novembro a marinha de guerra indonésia bombardeia a cidade de Atabae e seus arredores. Nos primeiros dias de Dezembro, o Presidente norte-americano Gerald Ford visita Jacarta. A 7 de Dezembro de 1975 a cidade de Dili, capital de Timor-Leste, é bombardeada e invadida pelas forças indonésias.

Começava aqui uma das páginas mais sangrentas da História contemporânea. O bloqueio imposto pela Indonésia quase silenciou a morte de mais de 200 mil timorenses, cerca de um terço da população.

Ilda Lobato, ex-professora na cidade de Dili. Em 7 de Dezembro de 1975 foi testemunha da invasão da sua terra pelas tropas indonésias.

(testemunho Ilda L.)

José Guterres, 27 anos, esteve com a Resistência no mato. Mais tarde foi capturado e preso pelas forças indonésias.

(testemunho José G.)

III

Em 15 anos de guerra em Timor-Leste, alternam a violência repressiva e as tentativas de conquistar o coração dos timorenses. A Indonésia não consegue, no entanto, vencer a rejeição e a resistência que a população sempre manifestou contra os ocupantes.
O pedido de integração, em Junho de 1976, que a Indonésia sempre invoca para fundar a legitimidade da sua 27ª Província, não passou de um acto grotesco assistido por 37 timorenses, quando três quartos da população se encontrava fugida nas montanhas. As Nações Unidas nunca reconheceram como válida esta integração unilateral.

O território que os indonésios invadiram em 1975 tinha uma economia agrícola, de subsistência. A colonização portuguesa pouco desenvolveu esta meia ilha distante, negligenciando os seus variados recursos. A Indonésia prontamente tirou proveito destas lacunas, anunciando em todos os fóruns internacionais o milagre do desenvolvimento timorense por ela promovido. Mas os escassos quilómetros de estrada foram, isso sim, um valioso instrumento para as movimentações militares; os telhados de zinco das novas casas serviram para abrigar os funcionários públicos indonésios e transmigrantes enviados para Timor; e as escolas com o ensino obrigatório da língua do ocupante mais não pretenderam que a integração dos jovens timorenses na cultura indonésia.
Dili, a capital, é hoje uma cidade onde mais de metade da população é constituída por transmigrantes indonésios.
Colonialismo, aliado ao apertado controlo de todas as actividades no território, uma forma de intervenção da Indonésia em Timor-Leste, denunciada pela Amnistia Internacional.

(testemunho Vítor Nogueira)

Várias são as formas de resistência que o povo timorense tem desenvolvido para manifestar a recusa da integração e a defesa da sua identidade. A resistência armada é uma dessas manifestações. Mantém-se desde 1975 sem quaisquer apoios externos, contando apenas com o suporte activo da população civil. Embora os dirigentes indonésios tentem menosprezar a guerrilha timorense e estimem os efectivos

nas montanhas em pouco mais de 200, só no distrito de Baucau-Venilale existem 600 guerrilheiros, distribuídos em 5 Companhias, de acordo com um jornalista americano que recentemente visitou Timor.
O apoio fornecido pela população, pondo em risco a sua segurança e, tantas vezes,a própria vida, é o sinal mais evidente da rejeição pelos timorenses do ocupante indonésio.

(testemunho José Guterres)

Vítimas da ocupação ilegal da sua terra, os timorenses viram-se forçados a percorrer os longos e difíceis caminhos do exílio. Austrália e Portugal foram os seus principais destinos. Em Setúbal estabeleceu-se uma importante comunidade de refugiados. A quinta dos Balteiros, no vale do Jamor, foi o primeiro refúgio possível, em 1976.
Também no exterior se trava a batalha comum da resistência à ocupação do território timorense pela Indonésia. Os dois partidos maioritários reunem esforços, constituindo-se em Convergência Nacionalista em 1986.

(testemunho Paulo Pires)

Resistir, resistir até às últimas consequências. O verbo que o povo timorense aprendeu a conjugar em todas as circunstâncias a que o opressor o obrigou. Na igreja timorense o povo habituou-se a encontrar um refúgio certo para a defesa dos seus direitos e a salvaguarda da sua identidade. Nesse sentido, a Igreja representa outra das formas de resistência do povo de Timor-Leste.
Sinal indesmentível dessa realidade são as conversões em massa ao catolicismo, com 30% de crentes em 1975, e 80% dez anos mais tarde. Afirmar-se cristão em Timor-Leste é também uma forma de se afirmar diferente dos indonésios.

Monsenhor Martinho da Costa Lopes, administrador apostólico de Dili de 1977 a 1983, não hesitou em denunciar as atrocidades cometidas pelo regime indonésio em Timor. Isso haveria de custar-lhe a demissão.

(D. Martinho Lopes)

Na Indonésia, país maioritariamente muçulmano, a religião cristã goza de direitos - e mesmo privilégios -

concedidos pelo regime. A Santa Sé, que administra directamente a diocese de Dili, pretende defender a identidade timorense sem prejudicar as boas relações com o regime de Jacarta.

"Vivemos debaixo da opressão. O território de Timor-Leste é como uma prisão", palavras de D. Carlos Ximenes Belo, administrador apostólico da diocese de Dili, em 1984. Cinco anos mais tarde, escreve ao Núncio Apostólico em Jacarta: "Em Timor vivemos sob a pressão da ditadura. Todos os anos assistimos aos mesmos abusos. Falamos com as autoridades, mas o resultado é sempre o mesmo. E nós vamos morrendo como povo e como nação".

Em Fevereiro de 1989, D. Ximenes Belo dirige uma carta ao Secretário Geral das Nações Unidas, pedindo um referendo para o povo de Timor. "Não há modo mais democrático de saber a vontade suprema do povo timorense do que a realização de um referendo", afirma o bispo de Dili na carta, que seria recebida com invulgar entusiasmo pelo povo e clero de Timor. A mesma carta provocaria desagrado e duras críticas por parte das autoridades indonésias e da Nunciatura em Jacarta.

(testemunho D. Martinho)

IV

"Os interesses económicos e estratégicos não podem servir de razão para atropelar os direitos essenciais de um povo, por mais pequeno que seja", escreveu D. Ximenes Belo.

A invasão de Timor-Leste pela Indonésia, em 1975, foi de imediato condenada pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Mas logo o combate diplomático se revelou dramaticamente desigual. 175 milhões de indonésios pesam mais do que meio milhão de timorenses numa metade de ilha. Sobretudo se a balança utilizada é a do pragmatismo e da política do silêncio. Mas são os próprios excessos da força ocupante que dificultam o apoio das nações que defendem uma ordem internacional baseada no direito dos povos. E mesmo quando pretendem ignorar o que se passa em Timor, estabelecendo acordos com o regime de Jacarta, estes países são muitas vezes obrigados a admitir que a Indonésia

pratica violações dos direitos humanos em Timor-Leste. Quando se fala de autodeterminação, muitos governos escudam-se por detrás da expressão "solução justa, global e internacionalmente aceitável", como forma de iludir a questão.
Nas Nações Unidas, Timor-Leste continua na lista dos poucos territórios coloniais que ainda não exerceram o direito à autodeterminação. É pelo direito a escolher o seu próprio futuro que o povo timorense continua a bater-se. Uma geração de timorenses foi aniquilada, assassinada. Mas outra se levanta, formada nas escolas do ocupante, os jovens em quem a Indonésia depositava todas as esperanças. Eles fazem manifestações que o exército do invasor tem dificuldades em ocultar, sobretudo na presença de observadores estrangeiros. Como se lê numa carta do interior, "Eles rejeitam, recusam. O corpo vivo não aceita elementos estranhos".
António Maria Araújo, refugiado em Portugal, estava próximo da juventude timorense, como responsável pelo Movimento dos Escuteiros e o seu trabalho numa escola.

(testemunho António Maria Araújo)

Xanana Gusmão, líder da resistência timorense, escreve no Plano de Paz, apresentado em Outubro de 1989: "Está demonstrado que a força e a repressão nunca poderão sufocar o que constitui a própria razão de ser de cada povo: o orgulho de ser ele mesmo".
Que solução para Timor-Leste? O bispo timorense, D. Ximenes Belo pronunciou-se sobre um referendo em que se ausculte a vontade do povo timorense. Xanana Gusmão manifestou, por sua vez, no referido Plano de Paz, total apoio à proposta de um referendo. É ainda Xanana Gusmão que enuncia as garantias a oferecer aos países vizinhos, para a estabilidade na área, uma vez alcançada a independência de Timor-Leste. "As declarações no exterior dos dirigentes da UDT e Fretilin são claras: instalar em Timor um sistema parlamentar, pluri-partidário, de estilo ocidental. Assumimos o princípio da liberdade de expressão. Quanto ao futuro em Timor-Leste, salvaguardar a independência significa obedecer às leis da economia mundial. Libertada a Pátria, os dois partidos terão uma tarefa pesada

mas grandiosa: libertar o nosso povo dos vestígios da ocupação - miséria, fome, analfabetismo, doença - e encaminhá-lo para que ele se afirme com a sua personalidade e identidade plena".

(testemunhos: Ilda Lobato
António Maria Araújo
Paulo Pires
D. Martinho
José Guterres)

Quem acredita que eles não matam,
não assassinam!

Quem crê que eles querem construir na guerra,
com o cano das suas armas,
a minha aldeia...

Minha natureza contempla
em silêncio suas obras.

As cascatas das águas nascentes
das minhas montanhas,
levam os males que eles cometeram...
Para assim dar ao mundo,
aos fortes...
a honra e a glória! Eu, no meu silêncio... choro
para que meus choros
não ultragem a honra dos grandes!

Falo, sem nada dizer,
para que meus vizinhos me não gritem!

Acredito que a Paz
existe para mim,
morrendo!...

@ A PAZ É POSSIVEL EM TIMOR-LESTE
PORTUGAL 1990